



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

# Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos

Lázaro Castro Silva Nascimento  
Kamilyly Souza do Vale  
(Organizadores)



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

# Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos

Lázaro Castro Silva Nascimento  
Kamilyly Souza do Vale  
(Organizadores)

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Natália Sandrini de Azevedo

Daphynny Pamplona

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

## Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos

**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo

**Correção:** Mariane Aparecida Freitas

**Indexação:** Gabriel Motomu Teshima

**Revisão:** Isadora Bonfim Nuto

**Organizadores:** Lázaro Castro Silva Nascimento  
Kamilly Souza do Vale

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P963 Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos / Organizadores Lázaro Castro Silva Nascimento, Kamilly Souza do Vale. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-637-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.376212710>

1. Gestalt-terapia. I. Nascimento, Lázaro Castro Silva (Organizador). II. Vale, Kamilly Souza do (Organizadora). III. Título.

CDD 618.9289143

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Com amor,  
à Helena Vale (*in memoriam*)



## PREFÁCIO

Ater-me à linguagem de uma obra, naquilo que posso apresentá-la ou presentá-la, implica, antes de qualquer exposição minha, na humilde assunção da linguagem como senhora última de nossa construção e abertura ao mundo. Assim, olhar e dizer estão carregados de uma implicação hermenêutica, à medida que como seres humanos somos linguagem e mundo em interatividade transformadora. O desafio hermenêutico se constitui na produção de exatidão de sentidos: aqueles que repousam sobre a produção – intencionando quem lê; sobre os autores – intencionando seus objetos e, para muito além, o sentido transcendente imposto pela fusão da obra e leitor na necessidade de ida à escrita, aos objetos dos autores e aos próprios objetos, produzindo então novos sentidos e novas construções.

Assim, a medida exata do entendimento de quem apresenta e introduz não faz jus à qualificação que será produzida no encontro com o leitor. Sugiro que cada leitor se deixe visitar pelos vários capítulos, ingenuamente, para posteriormente consultar as possibilidades de ser a partir daí mesmo, acenando a si com novos horizontes e possibilidades. Uma das características epistemológicas da Gestalt-terapia é sua condição moldável, sua plasticidade ou flexibilidade como queiram alguns e outros que, devido a isso até mesmo chegam a considerá-la sem epistemologia. Se a episteme seria uma dimensão que aprisiona e polariza, então a Gestalt-terapia é a-epistêmica sim, e eu ousaria dizer, anti-epistêmica, por aceitar sempre a introdução de novos e diversos pensamentos, ainda que mantenha sua identidade.

Mas a tecitura dos capítulos poderá falar por si, e eu por eles em mim, ao passo que cada “apresentação” poderá, dar-se como o presente mesmo, como um prenúncio do ganho – aqueles que por vislumbre identificamos ser saciedade, o encontro do adejo no emaranho, a descoberta da preciosidade ainda mesmo sem se saber da permanência da busca; e assim dando a todo inaugural da linguagem, a certeza do instante. Dizer é fixar sentidos. Mas a palavra bem dita os torna brevemente fixos, apenas para em alguns instantes calar fundo e fazer calar para, em seguida, erigir e destruir mundos. Assim os temas se seguem e nos seguem. Vejamos.

Podemos, podemos sempre como psicoterapeutas, estudiosos, cientistas que somos, supor que a violência entre os casais (seria toda forma de violência?) está alicerçada em padrões sociais mais amplos. Mas, aqueles que testam essa hipótese e a verificam em um trabalho profícuo, esses são os gestalt-terapeutas que em grupo, no grupo e para o grupo elegem a ação efetiva de uma Gestalt-terapia que, ainda que posa estar se perdendo de sua origem grupal, guarda-se na intersubjetividade como princípio epistemológico irreversível. Assim é que *Kamilyly Souza do Vale*, no *primeiro capítulo* expõe

um de seus trabalhos com casais em situação de violência conjugal, passando brevemente pelo histórico da psicoterapia de grupo, pela história e alguns princípios da psicoterapia de grupos gestáltica, os elementos constitutivos da psicoterapia de curta duração com grupos da Gestalt-terapia, desembocando naquilo que coroa o trabalho efetivo de um gestalt-terapeuta: desfazer as possíveis formas naturalizantes de definir e vivenciar os modos de violência, nesse caso, entre o casal. É em grupo que os casais podem se ouvir, no sentido de uma escuta que é de alguém, para alguém, por algum motivo, de algum modo e, para ser refletida sobre o modo de atuar na vida com o objetivo de reconhecimento e superação.

Curiosamente, casos clínicos não são frequentemente publicados em Gestalt-terapia. A despeito da consideração dos motivos, posso afirmar que há algo de ousado em mostrá-los, comparável ao supervisionando que apresenta seu caso em um grupo novo, temeroso dos olhares, da austeridade dos colegas e da profundidade da análise do supervisor. Mas no *segundo capítulo*, *Lázaro Castro Silva Nascimento* eleva seus supervisores e colegas à potência da infinitude, quando publica o caso de Franklin. Aos poucos pode-se perceber que sua ousadia de publicação é a mesma que o fez atender Franklin, sendo o leitor lentamente agraciado com o cuidado amoroso na condução e relato do caso, ao passo que revela suas intervenções sem, contudo, restringir-se à psicopatologia ou à técnica como elementos definitivos do processo. É a *relação*, associada a um olhar tecnicamente competente, mas antes e sempre a relação a produtora de mudanças significativas. E por falar em técnica, podemos finalmente perguntar qual o papel da técnica em Gestalt-terapia? Podendo ser compreendida como uma extensão do humano ou como o aprisionamento do ser, a técnica parece desfrutar de uma condição ambígua, de mocinha e vilã, quando referente às abordagens humanistas, em função de sua herança cientificista e também do comprovado auxílio que parece promover na atuação psicoterápica. No citado caso exposto por Lázaro, o autor apresenta o “mapa de uma palavra como experimento-produção gestalt-terapêutico”, dando-lhe ao mesmo tempo uma condição técnica e experimental. É exatamente o caráter experimental (não-determinístico, intuitivo, compartilhado, entre outros aspectos) que dá ao procedimento sua condição de libertação dos ranços da técnica. Desejo que próprio leitor faça sua apreciação dessa condição.

E dentre as condições a que estamos lançados, a violência, essa dos primórdios em que o homem se registra como homem, aparece como instituinte e reguladora do poder entre pessoas, grupos e nações, e nos impõe a pergunta se teremos mesmo elucidado suas facetas, suas minúcias e, principalmente sua origem, de forma que possamos nos perguntar como contribuir para mitigá-la. É nessa direção, de contribuição para uma perspectiva distinta e, por isso mesmo, necessária que *Leda Mendes Gimbo*, no *capítulo 3* faz sua exposição, caracterizando a violência como um hábito, mas não apenas aquele que se instaura na vivência individual e sim aquele instituído por macropolíticas, como forma de dominação de sociedades e grupos inteiros. Delineando a teoria do *self* em sua condição

necessariamente fenomenológica, a autora expõe minuciosamente essa pertinência e demonstra o modo de um fenômeno social se configurar como hábito, aparecendo por fim na teoria do *self* em sua dimensão individual. Afim com essa perspectiva, o *self* é reafirmado como um sistema de contatos e não como instância, a violência é situada na dinâmica entre as funções id, ego e personalidade, mas também vinculada a hábitos introjetados e repetidos historicamente, a serviço de fracasso ou sucesso social. Surgindo dessa forma, parece impossível mitigá-la, dados os caracteres antropológico e histórico a que a violência é tributária mas, afim com o *ethos* gestáltico, a autora evoca a insubmissão e a recusa *como possibilidades libertárias e criativas* dentro de uma condição clínica, afim com princípios éticos gestálticos e propensos a não se confirmar um fazer psicológico conivente e reforçador de injustiças.

O capítulo 4, de Alberto Heller, traz-me um pensamento que há muito me acompanha e que ainda não sei exatamente como implementá-lo: está na hora de musicar a vida, a partir dos infinitos silêncios que a inauguram. Exatamente essa ideia de uma escuta do inaudível está exposta em todo o seu texto, afirmando a necessidade de interposição de sentidos ou resgate das sensações intermodais (tatear com os olhos, ouvir com o corpo, ver com os ouvidos) de se entender o ouvir para além da escuta do senso comum e do sentido comum das psicoterapias. Está instituído um modo de escutar em psicoterapia que fixa a atenção no bem-dizer, nas regras gramaticais da língua, nos modos permitidos de expressão, na semântica necessária, na lógica causal e no ritmo vigente, de forma que a dança necessária entre sons e silêncios, entre o silenciamento do psicoterapeuta e sua escuta qualificada (inclusive para o não saber o que ouvir) estão tolhidos e abolidos do processo psicoterápico. Alberto, realiza uma série de exames dos termos ouvir, escutar e auscultar, vinculando seu sentido ao estar aberto, à obediência corporal necessária para que o psicoterapeuta deixe de prioritariamente escutar a si mesmo para escutar o outro. É dessa maneira que incorpora o “estranho” ao processo psicoterápico, analogamente à música que está com as janelas abertas para ruídos e sons imprevisíveis, dando a eles abrigo como se abriga um viajante (*êthos*) e assim possibilitar a escuta do não-eu; afirmando então esse radical não-eu que se abre para onde o outro quer levar o terapeuta e não para onde esse técnico o quer conduzir. Ainda resta em aberto a clarificação daquilo a que a escuta terapêutica se refere, em que Alberto contribui com a necessidade de se fazer parte da *dança, do quadro, da música, da cena*.

Há ainda muito o que ser ouvido, e muito mais ainda a ser selecionado para ser ouvido. Afim com essa constatação *Isaura Caroline Abrantes Silva e Welison de Lima Sousa* dirigem seus ouvidos para o inaudível, o invisível, o indizível. Imagino uma situação corriqueira, ao final do dia, em que uma pessoa pergunta a outra onde ela vai, com a resposta também costumeira de um “para casa”. Como seria não ter a casa para ir? Como seria não poder morar em nenhum lugar? Apenas por imaginação poderíamos sequer nos

aproximar da vida de pessoas em situação de rua. No *capítulo 5* os autores fazem um exame da condição das pessoas em situação de rua estabelecendo relação com a clínica gestáltica, enfatizando o entendimento da rua não apenas como o lugar da falta – evidente na ausência de moradia, de alimentação, de poder econômico, de políticas públicas – e que revela a exclusão econômica e política, mas também o lugar da presença e das potências: lugar de relações sociais onde se produz junto/com. E é nessa condição que apresentam a Redução de Danos como ferramenta política para pensar a clínica do sofrimento e o fazer do Acompanhante Terapêutico para o resgate de uma dimensão ética pouco abordada em Gestalt-terapia. O propósito é a provocação de um desajustamento criador: o construir de novidades que, com o suporte do campo, dê a psicoterapeuta e paciente a presença no invisível, o deserto das representações também chamado de vazio fértil. A Gestalt-terapia precisa repensar seu fazer? Sim, na medida em que possa estar a serviço dos imperativos e pedidos neoliberais de produtividade. A clínica então, deve servir ao não servir. Haverá nesse contexto, maior serventia que essa?

A resposta sobre a serventia de uma clínica fundada no vazio fértil traz à tona outras buscas, outras possibilidades de fazer da Gestalt-terapia. É mais uma vez o contato com a emergência e dessa vez da solidão do ato terapêutico que a discussão sobre a formação, eu me digo melhor, sobre a contínua e nunca acabada transformação do gestalt-terapeuta em ser si mesmo que a *intervisão* irrompe como ato, como possibilidade e com diferenças notórias em relação aos outros campos de construção e reconstrução do gestalt-terapeuta. No *capítulo 6*, *Natascha Bravo de Conto e Dafne Thaíssa Mineguel Assis* examinam a *intervisão* e a diferenciam do processo de psicoterapia e da supervisão, apontando as singularidades que, fundamentadas em uma relação dialógica, fazem surgir o ser dos psicoterapeutas com suas características, ritmos, movimentos, singularidades e estilos próprios. É a partir de uma relação não hierarquizada, sustentada no diálogo e na troca genuína que a *intervisão* se torna esse espaço complementar da psicoterapia e da supervisão onde emergem as potências e as nuances construtoras da história e trajetória dos profissionais envolvidos. Dessa forma, a metáfora pertinente é de artistas que compartilham um trapézio e precisam equilibrar-se juntos e confiar na presença do outro para as manobras, ao mesmo tempo dotadas de destreza, mas também de saltos onde se acredita estar o outro ali, bem à mão e literalmente à mão, para ser o suporte condutor ao término do movimento. Dessa maneira beleza e risco se confirmam como necessários, mas também se sustentam na possibilidade de ser enquanto simples simetria.

E de quantas experiências precisaremos para sermos o efetivamente denominado de psicoterapeuta? Se olharmos para as pedras que compõem uma ponte, perguntaremos quem faz a suficiente sustentação: arco ou pedras? A resposta parece estar na superação da dicotomia, lugar onde pedras e arco “desaparecem” para aparecer a ponte. Assim, a partir de um caso (mais uma pedra?) é que *Lílian Vanessa Nicácio Gusmão*, no *capítulo 7*,

apresenta o acolhimento, a construção de desejos, a interlocução solidária, os sentimentos, valores e pensamentos compartilhados, apenas para recuperar uma pessoa (ou seria o próprio arco?). Uma pessoa que precisou vencer a dicotomia de ser adulto ou ser criança exatamente por, durante um longo tempo de sua vida, ter feito introjeções disfuncionais reveladas numa gastrite, na banalização da vulnerabilidade para evitação dos conflitos. Curiosamente, é no resgate e possibilidade de enfrentamento dos conflitos que o paciente de Lílian pode se expressar, e passar pela efetiva experiência de inclusão no colo da psicoterapeuta, lugar de cuidado e de segurança, onde pode também experienciar-se de forma plena. Experiências traumáticas são revisitadas por Lílian e seu paciente, atualizadas na dimensão do aqui e agora, conferindo a possibilidade do apoderamento de si mesmo. Sim, o leitor verá como o arco e as pedras desapareceram; vislumbrará apenas a ponte, quer seja figura a terapeuta, o cliente ou, ainda quem sabe, tudo isso junto.

E dessa noção de fixidez instalada em nossa necessidade de estabilização do mundo, perdemos a dimensão da unicidade quando somos obrigados a nos “desterritorializar”. A maioria de nós não sabe o que efetivamente é ser um estrangeiro, experienciar a perda de cidadania e de direitos em seu país de origem e novamente ser submetido a essa experiência no país onde se pediu abrigo. Com uma contribuição de combate a essas vivências, *Elis Moura Marques* no *capítulo 8* aborda a experiência de pessoas migrante e refugiadas venezuelanas no Brasil. Entender as dificuldades e sofrimentos, aquelas inerentes a toda e qualquer pessoa em estado de crise, é uma tarefa inerente ao gestalt-terapeuta; e é ainda mais sua tarefa compreender as especificidades sofridas em cada situação particular de sofrimento, com o objetivo de tornar, por um lado, mais apropriada a ação de cuidado, por outro, mais artístico nosso trabalho, no sentido de fazermos uma adaptação do conhecimento geral e sistemático à unicidade e singularidade daquele que se nos apresenta. Através do relato de três situações clínicas, Elis nos coloca em contato próximo à experiência de sofrimento dos venezuelanos refugiados no Brasil. Importante ressaltar o modo como aproxima a necessidade de uso do conhecimento gestáltico no trabalho com essas pessoas, através inicialmente do resgate histórico de desterritorialização experienciada por Perls e Laura, através da apropriação do fazer gestáltico como de um cuidador dos vínculos e das relações antropológicas. É assim o estabelecimento de auxílio para a restituição da autonomia perdida pela xenofobia, caráter agravador de sofrimentos anteriores e inerentes a todo e qualquer ser humano, mas que nos preconceitos impostos é potencializado e faz subsumir aspectos saudáveis desse outro em generalizações desqualificantes.

Entendo ser necessário aprender para estar com o diferente, o novo e o inusitado e, nessa perspectiva, a aprendizagem, objeto de estudo de tantas facetas, tem uma leitura particularmente gestáltica no *capítulo 9*, quando *Ana Karina El Messane* examina os impedimentos de caráter afetivo presentes no processo de aprendizagem. A confluência,

um dos modos de impedimento do contato, é considerada naquilo que gera dificuldade no aprendiz em ser o autor de seu próprio pensamento. Articulando as formas de evitação do contato com a Epistemologia Convergente, com a Gestalpedagogia como forma de Epistemologia Integrativa, Ana Karina apresenta um caso onde demonstra a forma como o conhecimento é fruto da relação, da experiência vivida onde sujeito, objeto, eu, outro e mundo caminham lado a lado, mas para além disso, transcendem as dicotomias entre partes-todo, exatamente por ser dotado de interconexões da ação humana com o ambiente, os processos sócio-históricos e a cultura. Nota-se o modo como os pais de seu paciente puderam compreender seu lugar e seu papel de confirmadores do filho, dedicando-se à nutrição emocional, imprescindível para revelar o escutar, o ver, o pensar, o refletir como processos fundamentais da aquisição de autonomia para a criança ser construtora não apenas do conhecimento próprio, mas de sua própria vida. A dimensão emocional torna-se assim o objetivo fundamental da aprendizagem como forma de integrar corpo e emoções com o processo cognitivo. Mais uma vez, em uma dimensão educacional, poderá o leitor perceber que a integração se torna o princípio e fim do processo de criação, sustentação e crescimento humanos.

Se a integração aqui e ali se apresenta como um elo necessário de toda ação em psicoterapia, particularmente o fluxo, esse deixar-se conduzir junto com, sem jamais ser meramente passivo, essa arte do encontro consigo e com a própria vida que sempre se revela no outro, adquire novas roupagens quando a criatividade é sentida sob a pena de *Wanne de Oliveira Belmino*, no capítulo 10. Acredito ser o capítulo que ilustra de maneira integrada a necessidade que se articulem fluxo e criação, onde o ser cíclico do feminino é necessariamente considerado. Wanne, de maneira artística e reflexiva, olha para seu próprio fluir, seu modo cíclico de estar no mundo e em si mesma. O feminino que há em todos nós – negado sob a visão machista – precisa ser reconsiderado a partir daquelas detentoras de maior pertinência nesse dizer: as próprias mulheres. E como mulher Wanne reflete sobre um aspecto às mulheres concedido, o de substituição do masculino, mas sendo ele mesmo impeditivo da aparição de suas singularidades, ao passo que faz emanar a rigidez típica do masculino. Como consequência, o adoecimento, a discriminação salarial, as pressões sociais, a precarização do trabalho e o acúmulo de tarefas eclodem em uma dimensão ambígua: se por um lado confirmam o “avanço” feminino em suas conquistas, por outro a solapam peculiaridade desse feminino e negam o reconhecimento da dimensão cíclica de suas energias físicas e psíquicas. É urgente reestabelecer um fluxo saudável, resgatando assim as múltiplas partes do feminino que dialoga sabiamente com a noção de crescimento em Gestalt-terapia, tendo exemplarmente no período menstrual uma importante metáfora da autorregulação orgânica. Ficar no vazio, permitir-se o contato, o emergir de algo, ainda que embrionário, fluir com o emergente e transfigurá-lo em expressões significativas, respeitando a própria criação e em direção a algo integrador e

complementar: eis o processo criativo em sua ciclicidade. O nada se apresenta como prehe de possibilidades e estas anunciam e completam o ser.

Essa obra então se configura por esses dez capítulos, dez convites, dez diálogos em integração. As experiências de seus autores (ex-peri-ência: sair de seu próprio ser) adquirem maior sentido quando revelados na forma de escritas, na maioria delas dizendo “olha o que eu vivi” e imediatamente se transformando em vivência do leitor, se atualizando na possibilidade de novos vividos. A experiência sugere a repetição, a vivência inaugura a singularidade e o novo. Assim, leitor e autores se integram na permissão dada de experiência e vivência. Enquanto linguagem, nos expressamos nas palavras, no corpo e na transcendência dessas dimensões a que preferimos sempre chamar de “ser”.

**Silverio Karwowski**

setembro de 2021.

Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-Campinas, Gestalt-terapeuta pelo Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo, Psicólogo e Licenciado em Psicologia pela UFU, autor do livro Gestalt-terapia e Fenomenologia, Diretor do IGC – Instituto Gestalt do Ceará e professor universitário.



## APRESENTAÇÃO







Movidos pelo desejo de dar continuidade ao objetivo de fomentar espaços de interlocuções entre profissionais de diferentes regiões do Brasil e que tem a abordagem gestáltica como suporte teórico, apresentamos o livro *Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos*. A proposta desta obra contempla a díade teoria-prática através dos escritos que são frutos de reflexões e experiências vivenciadas pelas autoras e pelos autores. Cada um com sua bagagem profissional e visão de mundo configurando um espaço de troca, construção de conhecimento e compartilhamento de experiências.





Os temas presentes neste livro nos convidam a olhar para uma clínica engajada politicamente, que prima pela ética do cuidado, e que ultrapassa os muros de uma clínica tradicional e solipsista. É uma clínica gestáltica que ultrapassa fronteiras, que tem música, sons, que reverbera e que mobiliza o campo para abrir espaços para a novidade. É uma clínica do contato com o novo e do contato com o diferente!

**Lázaro Castro Silva Nascimento**

**Kamilly Souza do Vale**

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
INTERLOCUÇÕES GESTÁLTICAS ENTRE A PSICOTERAPIA DE GRUPO E A INTERVENÇÃO COM CASAIS	
<a href="#">Kamilly Souza do Vale</a>	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127101">https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127101</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
UM JEITO DE FAZER GESTALT-TERAPIA: O CASO FRANKLIN E O MAPA DE UMA PALAVRA	
<a href="#">Lázaro Castro Silva Nascimento</a>	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127102">https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127102</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>31</b>
A VIOLÊNCIA COMO HÁBITO: LEITURA DE UM FENÔMENO SOCIAL A PARTIR DA TEORIA DO SELF	
<a href="#">Leda Mendes Gimbo</a>	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127103">https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127103</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>41</b>
ESCUA MUSICAL, ESCUTA CLÍNICA: PASSAGENS	
<a href="#">Alberto Heller</a>	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127104">https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127104</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>53</b>
VIDAS NAS RUAS: VULNERABILIDADES E POTÊNCIAS EM UMA ABORDAGEM GESTÁLTICA	
<a href="#">Isaura Caroline Abrantes Silva</a>	
<a href="#">Welison de Lima Sousa</a>	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127105">https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127105</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>67</b>
EXPERIÊNCIA DE INTERVISÃO: POSSIBILIDADE DE CRESCIMENTO DA/DO TERAPEUTA A PARTIR DA POTÊNCIA DA RELAÇÃO	
<a href="#">Natascha Bravo de Conto</a>	
<a href="#">Dafne Thaíssa Mineguel Assis</a>	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127106">https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127106</a>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>80</b>
AJUSTAMENTOS CRIADORES DIANTE DA DICOTOMIA CRIANÇA INTERIOR E ADULTO: A RECONSTRUÇÃO DA VULNERABILIDADE IDENTITÁRIA DIANTE DO TRAUMA	
Lílian Vanessa Nicácio Gusmão	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127107">https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127107</a>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>93</b>
UM OLHAR GESTÁLTICO SOBRE A EXPERIÊNCIA DE PESSOAS MIGRANTES E REFUGIADAS VENEZUELANAS NO BRASIL	
Elis Moura Marques	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127108">https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127108</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>105</b>
A CONFLUÊNCIA E O OBSTÁCULO DE CARÁTER AFETIVO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM	
Ana Karina El Messane	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127109">https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127109</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>116</b>
SOMOS CÍCLICAS: CRIATIVIDADE, FEMININO E GESTALT-TERAPIA	
Wanne de Oliveira Belmino	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.37621271010">https://doi.org/10.22533/at.ed.37621271010</a>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....	<b>129</b>

## EXPERIÊNCIA DE INTERVISÃO: POSSIBILIDADE DE CRESCIMENTO DA/DO TERAPEUTA A PARTIR DA POTÊNCIA DA RELAÇÃO

Natascha Bravo de Conto<sup>1</sup>

Dafne Thaíssa Mineguel Assis<sup>2</sup>

Atuar como psicoterapeuta é exercer um papel profissional singular, com contentamentos e desafios muito específicos. Passamos nosso dia de trabalho em contato com uma diversidade de pessoas, as quais buscam e encontram, na genuinidade da relação entre terapeuta e cliente, outras possibilidades de ser e estar em suas vivências de mundo. Ao mesmo tempo, muitas vezes nós, terapeutas, nos deparamos com um lugar muito solitário de se estar, uma vez que a relação terapêutica é um lugar de trocas muito próprias, com o olhar voltado especialmente a um dos lados dessa interação: o lado da/do cliente. Evidentemente, não cabem aí trocas da profissão em si, nem mesmo reflexões muito profundas sobre como cada encontro nos toca e desafia individualmente enquanto terapeutas. Desse modo, na atuação clínica, é bastante comum experienciarmos solidão, visto que, em nossa rotina diária, a falta de troca com outras/outros profissionais, seja no nível do conteúdo teórico seja no das dinâmicas pessoais de cada uma/um, é bastante presente. Entendemos que cabe à/ao terapeuta a busca por espaços que a/o retirem desse lugar, sendo inquestionável que faz parte de nossa profissão o exercício constante de nos olharmos nos âmbitos tanto da vida profissional quanto da vida privada.

Diante da existência desse campo e das necessidades que se proclamavam em nós autoras, há pouco mais de um ano, iniciamos um processo de trocas o qual não sabíamos em que iria resultar. Começamos com algumas conversas rápidas sobre casos específicos que estávamos atendendo e, em pouco tempo, aquilo que era esporádico tornou-se habitual. Entendemos que poderia ser interessante nos encontrarmos regularmente para pensarmos juntas sobre nossos atendimentos, mas ainda não tínhamos muita noção da importância que isso teria para nossas práticas profissionais. Nesses momentos, passamos a partilhar experiências, sentimentos e percepções e a oferecer contribuições aos casos relatados uma à outra. Nomeamos esses encontros de *intervisão*.

Aos poucos, nossos diálogos foram se reconfigurando de uma forma muito orgânica e fomos buscando, na parceria que ali se delineava, um pedido de respostas mais direto diante de casos mais difíceis – caracterizando um modelo mais próximo de supervisão, no qual nos revezávamos nos papéis de “supervisora” e “supervisionanda”. Foi nesse

1. Psicóloga (CRP-08/15395). Gestalt-terapeuta. Tem especialização em Psicologia Sistêmica e formação em Gestalt-terapia.

2. Psicóloga (CRP-08/19823). Gestalt-terapeuta. Mestra em Psicologia Clínica pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

período que percebemos um tema que emergia como figura em vários de nossos casos: a responsabilização da/do cliente com seu próprio processo terapêutico. A frequência com que o tema estava se manifestando chamou a nossa atenção, e nos perguntamos o que a ideia de “responsabilizar-se” podia dizer sobre nós enquanto terapeutas e de que forma. O mais interessante é que não encontramos a resposta em um ou outro lado da relação terapêutica, mas sim em como o tema falava sobre o *entre*. O que se revelava no trabalho psicoterapêutico com essas/esses clientes era algo para além do individual: fazia parte da dinâmica relacional terapeuta-cliente.

A partir dessa compreensão, entramos em uma camada de percepção mais profunda e entendemos que era fundamental refletir para além de nossos casos e para além dos papéis de terapeuta e cliente. Era também importante repensarmos o lugar hierarquizado de “supervisora” e “supervisionanda” que havíamos assumido. Tornou-se primordial olharmos para o compartilhamento que acontecia entre nós nesse espaço de intervisão e para a forma que nossos encontros iam adquirindo. Muito mais do que assumir ora uma função, ora outra, percebemos que nossos encontros passavam gradativamente a se manifestar como uma dança compartilhada, como a apresentação artística do vínculo de uma dupla que, a cada novo espetáculo, se construía e se atualizava. Começamos, então, a esboçar nesses momentos uma figura dominante que foi se tornando a força motriz do nosso trabalho enquanto psicólogas. Iniciamos uma investigação do *nosso entre*.

É com base nessa trajetória que elaboramos esta produção escrita, com o objetivo de nos debruçarmos sobre o tema, dando forma à configuração de intervisão que surgiu da nossa vivência conjunta e levantando questões e reflexões sobre sua especificidade, importância e possibilidades. Reforçamos que nosso intuito neste capítulo é iniciar um debate que amplie as reflexões sobre essa temática, não tendo como pretensão encerrar o assunto nem trazer uma definição estanque e cristalizada sobre a intervisão.

## RELAÇÃO DIALÓGICA: A BASE PARA O ESPETÁCULO ACONTECER

Percebendo que nossos encontros de intervisão estavam demandando bordas mais claras para revelar sua configuração, fomos aprofundá-la a partir daquilo que nos fundamenta e nos alicerça no encontro com nossa/nosso cliente: a relação dialógica. Considerando que, para a clínica gestáltica, a relação entre terapeuta e cliente é atravessada pela compreensão dialógica, fez-se coerente a tentativa de esboçar esse encontro que surgia entre nós duas também partindo dessa noção. Aqui, é relevante esclarecer o que estamos considerando como dialógico:

O dialógico se refere ao fato de que nos tornamos, e somos, seres humanos porque estamos em relação com outros seres humanos e temos a capacidade e o desejo de estabelecer relacionamentos significativos com os outros, ao

Tínhamos como marco, a essa altura da investigação, nossa própria relação enquanto terapeutas e amigas e fomos nos tornando cada vez mais cientes de que nossas condições relacionais de terapeuta-terapeuta seriam os fatores de maior relevância para aquilo que buscávamos e por que ansiávamos na nossa atuação. Nossa confiança e nosso alicerce, ainda em um terreno tão desconhecido, fundamentavam-se não mais em nós como terapeutas isoladas, tampouco só como amigas, mas *no nosso próprio encontro*. Nascia ali mais uma configuração dessa relação que já possuía tantas camadas.

Simbolizando essa vivência relacional em uma imagem metafórica e descrevendo-a como um espetáculo, percebemos que *o encontro* se revela essencial, visto que só é possível que ele aconteça na interação conjunta entre as/os artistas – estas/estes não estão ali somente como artistas isoladas/isolados ou como colegas de profissão, mas também como pessoas em profundas interação e conexão.

A cada novo encontro de intervisão, deparávamo-nos com a específica configuração individual de cada uma; era como se sempre nos re-apresentássemos uma à outra, a cada vez com maior consciência desse processo. Conforme a atualização desses encontros acontecia, íamos percebendo nossos ritmos e nossos movimentos em dupla. Começamos a nos ver como parceiras do espetáculo, em que o dialógico era nosso instrumento de conexão. Revelávamo-nos, assim, em um campo específico, um palco no qual o dialógico era a base para a arte do encontro acontecer. Melhor ainda: revelávamo-nos em um padeiro dialógico, um espaço de interação circular e, portanto, contínua, no qual emerge, acima de tudo, a espontaneidade, a criatividade, a liberdade de ser e a confiança na parceria. Víamo-nos como artistas singulares criando a arte do nosso encontro.

Assim, nós nos percebíamos inseridas em uma dinâmica na qual víamos acontecer, agora no campo da atuação profissional, a aceitação e a confirmação da singularidade próprias à relação dialógica. Buscávamos nos voltar para a outra terapeuta afirmando sua existência única e separada, com vistas a uma relação de alteridade, a qual permite construir de forma processual a aproximação e a apropriação de si mesma/mesmo. O diálogo genuíno da relação só se torna possível quando cada pessoa envolvida leva em consideração a outra como o ser singular que é (HYCNER, 1995).

Como Joyce e Sills descrevem, a confirmação significa “ser totalmente recebido” pela/pelo outra/outro, e isso é saborear em tempo presente “a base mais importante para um sentido seguro e sólido do self” (JOYCE; SILLS, 2016, p. 72). O contato e a troca genuínos entre nós, sem o medo da exposição de si mesma no palco, levavam-nos às experiências de acolhimento, compreensão e cuidado, além de acrescentarem elementos essenciais à compreensão dos casos e da relação terapeuta-cliente, alterando, com isso, a totalidade da relação terapêutica.

Estávamos presentes, no nosso encontro, para a outra terapeuta, para nós mesmas, para nossa relação e, ainda, para a relação relatada pela parceira com sua/seu cliente. Trata-se de camadas e dimensões relacionais que eram atravessadas pela permissão mútua de revelar a terapeuta que existe em cada uma de nós, sem desempenhar papéis nem causar esperada impressão, abandonando, ainda, o desejo de como gostaríamos de ser vistas e nos revelando e nos apropriando de como cada uma é em sua inteireza. Manifesta-se, assim, um campo profissional de parceria e funções simétricas, em que a relação dialógica é instrumento para o encontro, em um espaço de mútua apresentação individual de si e, principalmente, de possibilidade para fluir em um voo ao encontro da outra, permitindo nascer o elemento essencial do espetáculo: o encontro.

A partir do pensamento buberiano, Hycner (1995) reforça que aquilo que se manifesta na dimensão dialógica da relação não está localizado em um dos lados, nem mesmo nos dois juntos, pois “a realidade é maior que cada um dos indivíduos envolvidos. É também maior do que a soma total dos dois indivíduos. Ambos os aspectos são parte de uma esfera mais ampla – o inter-humano. Tanto o individual quanto a relação estão contidos na esfera do entre” (HYCNER, 1995, p. 23).

Ainda a partir de Buber, Hycner (1995) afirma que as noções de Eu-Tu e Eu-Isso foram fundamentais para a compreensão da inerente característica relacional da existência humana, salientando ambas as atitudes como sendo constituidoras e necessárias para as relações humanas. Eu-Tu envolve um tipo de relação em que a/o outra/outro é contatada/contatado como pessoa plena. Assim, tem como elementos de relação o compromisso com um diálogo aberto e acolhedor, a presença de autêntico interesse pela pessoa com quem estamos nos relacionando, a inclusão da experiência da/do outra/outro, a permissão de se ser atingida/atingido e impactada/impactado, a confirmação das singularidades que se revelam, a disponibilidade de aceitação, compreensão e cuidado da/do outra/outro. Em contraposição, Eu-Isso acontece quando a/o outra/outro está para nós como um objeto na interação, podendo ser analisada/analizado ou manipulada/manipulado, ou ainda quando a relação exige momentaneamente certo distanciamento para análise e avaliação técnica. Hycner, descreve, ainda, que

toda troca humana tem essas duas dimensões, muitas vezes simultaneamente. Em última análise, entretanto, o diálogo genuíno pode emergir se as duas pessoas estiverem disponíveis para ir além da atitude Eu-Isso e valorizarem, aceitarem e apreciarem verdadeiramente a *alteridade* de outra pessoa. (HYCNER, 1995, p. 25, grifos do autor)

Ter como base o princípio Eu-Tu vivo na experiência subjetiva interna da/do psicoterapeuta e na concretude do meio e das relações intersubjetivas implica, então, que a/o terapeuta aceite o convite de se revelar e de fazer acontecer esse encontro, participando dele de forma genuína, aberta e disponível. Nesse sentido, buscamos que



a intervenção proporcionasse um campo de experimentação e vivência, construindo um diálogo que contivesse liberdade de expressão para comunicar aberta e honestamente as impressões que poderiam ser úteis ou que colocariam luz em aspectos da relação terapeuta-cliente ali relatada. Ou, ainda, simplesmente para dar vazão à expressão de sentimentos e pensamentos que nasciam nessa interação.

Percebíamos-nos construindo e nutrindo o espaço para a expressão da singularidade de cada uma de nós enquanto terapeutas. Foi criando esse campo de compreensão, confirmação, autenticidade e abertura ao diálogo dentro da intervenção que nos encontramos diante da constatação de que as respostas entre duas pessoas só surgem “...no momento do encontro, em uma relação genuína” (CHAGAS, 2016, n. p.).

Chagas (2016) indica outro ponto fundamental. Estarmos em contato com a/o outra/ outro de forma disponível, buscando nesse encontro revelar nossa singularidade e ainda nos abrir para o Tu de forma compreensiva, acolhedora e empática pode produzir em nós um profundo contentamento, ao mesmo tempo que, igualmente, é um desafio. Essa abertura genuína envolve também inseguranças, riscos, envolve viver o imprevisível próprio do relacional. Amparamo-nos, assim, na confiança dessa relação, no *entre*, “buscando o mínimo de hierarquia e a maior proximidade possível, que propiciem o encontro” (CHAGAS, 2016, n. p.). Também passamos a não buscar os “erros” dos nossos atendimentos ou apontar “faltas” na prática da outra terapeuta, compreendendo que não existem respostas prontas do que se deve fazer em cada caso. Também por conta desses elementos de configuração, vemos o campo da intervenção como um espaço em que nos revelamos como artistas e, assim, como criadoras de um fazer artístico no qual não há categorização de erros ou falhas. Há, sim, a singularidade da subjetividade encarnada na expressão do corpo e na ação que nos conecta ao contentamento de sermos aceitas, ao mesmo tempo que nos leva ao risco da exposição. É, portanto, essencial haver confiança na/no parceira/ parceiro e na relação, para que o salto em direção ao encontro aconteça de forma fluida e verdadeira.

Dessa forma, entendemos que, assim como “a terapia pode se tornar um modelo para o cliente buscar a confirmação que lhe permitirá se aproximar de si mesmo e de outras pessoas” (CHAGAS, 2016, n. p.), o mesmo ocorre com a intervenção. Trata-se desse espaço em que se vivencia a existência da/do terapeuta como uma experiência para ampliar a dimensão e a qualidade do contato consigo mesma/mesmo e com as/os outras/outros, em de uma relação não hierárquica de confiança e abertura. Relação esta que torna o espaço da intervenção privilegiado, uma vez que a troca horizontal a partir do contato com a/o parceira/parceiro torna possível a expansão da *awareness* sobre a relação terapeuta-cliente e sobre si mesma/mesmo.

## APROPRIAÇÃO DE SI E A CONQUISTA DO AUTOSSUORTE DA/DO TERAPEUTA: A CONSTRUÇÃO DA/DO ARTISTA

Nessa trajetória de relações e reflexões, novos e outros questionamentos naturalmente apareceram: Quem sou eu enquanto terapeuta? Que existência minha se revela nas diversas relações de inúmeros campos? Até que ponto adotamos os fundamentos que nos dão continente à prática profissional inserindo aí um tempero próprio da nossa singularidade? Como o meu Eu como terapeuta se revela na minha prática? Quanto dos meus próprios processos e feridas fazem ressonância com a *forma* da minha prática?

Compreendemos que essas perguntas só podem ser respondidas a partir de um movimento da/do terapeuta em direção a si mesma/mesmo. Nesse sentido, mais uma vez encontramos na analogia que estamos desenvolvendo o caminho para essa jornada de expansão da consciência sobre nós mesmas/mesmos. Se o campo de interação que existe na intervisão pode ser analogamente comparado a um palco, um picadeiro, se a relação dialógica é a base para o espetáculo, podemos nos questionar: Quem são as/os artistas que criam esse *show*? Qual fazer artístico se aproxima do que vivemos nesse campo?

Nas trocas, percebemo-nos saltando para o encontro com a outra e, portanto, vivendo a relação de risco e confiança; salientamos a flexibilidade e o envolvimento nessa parceria, aceitamos a singularidade de cada uma, nutrindo ainda mais nosso movimento em conjunto. Vimo-nos, então, como duas trapezistas, duas artistas que se revelam a partir de suas acrobacias e que só constroem o espetáculo se houver interação. Para isso, é essencial que haja desenvolvimento de si, aprimoramento e apropriação da artista que revelamos ser.

Assim como para as/os trapezistas, ser terapeuta também exige de nós estarmos constantemente atentas/atentos às nossas dinâmicas e, para isso, precisamos estar dispostas/dispostos a nos olhar e nos desenvolver como pessoas e como profissionais. Beatriz Cardella, em seu livro *A construção do Psicoterapeuta – uma abordagem gestáltica* (2002), defende fortemente que ser psicoterapeuta é uma tarefa inacabada, sendo parte da profissão o fluxo de aprendizado sobre si mesma/mesmo e sobre a/o outra/outro, implicando um envolvimento de si muito grande. A autora pontua que “...a formação e o exercício da psicoterapia envolvem uma qualidade de presença do psicoterapeuta que exige um árduo e intenso trabalho sobre sua própria pessoa, do qual decorrem inúmeras e contínuas transformações de grande complexidade e abrangência” (CARDELLA, 2002, p. 21-22).

Nessa direção, concordamos que tornar-se psicóloga/psicólogo clínica/clínico passa por um longo e ininterrupto processo, que nos direciona ao crescimento, ao amadurecimento e à apropriação de nós mesmas/mesmos. Hycner (1995) traz uma analogia musical para falar sobre isso. Ele diz que o “instrumento” utilizado no processo terapêutico pela/pelo terapeuta é seu próprio self, precisando esse “instrumento” estar “afinado” para acompanhar

o fluxo constante do ritmo singular que se dá nos encontros entre terapeuta-cliente. Como já defendemos aqui, é essencial que nossa trajetória profissional seja constantemente atualizada por meio de vivências em campos variados de trocas e experiências que nos aprimorem para o contato conosco e com a/o outra/outro. Seguindo a analogia feita pelo autor em sincronia com a analogia da/do trapezista proposta por nós, entendemos que “afinar o instrumento” e preparar-se para o espetáculo só é possível a partir do contínuo e árduo preparo da/do artista em si mesma/mesmo e em seus movimentos. Só é possível por meio do envolvimento da/do terapeuta em seu próprio processo psicoterapêutico, em supervisão, em grupos de estudos e também em intervisão, tendo cada um desses espaços um papel bastante específico nesse caminho contínuo de aprimoramento. Só é possível apresentar-se como trapezista.

Quando iniciamos a atuação clínica, temos na bagagem profissional apenas as experiências vividas na universidade e os estágios supervisionados, tendo nas/os professoras/professores e supervisoras/supervisores nosso continente para essa recente caminhada. Essas/esses profissionais são nossa bússola para o primeiro contato com a prática clínica, servindo-nos como apoio ambiental para o início da construção de nossa jornada enquanto terapeutas clínicas/clínicos. A partir do momento que saímos da universidade – ou até mesmo desde nossa trajetória universitária –, deparamo-nos várias e várias vezes com a necessidade de termos minimamente construído nosso autossuporte enquanto pessoa e psicoterapeuta. Vamos constatando essa realidade desde nossos primeiros contatos com clientes, bem como nas aproximações com as inúmeras e diversificadas histórias que nos são compartilhadas nesse caminho. Comumente, nossas inseguranças e dúvidas, nossas dores e feridas que emergem desses encontros passam a nos convocar para o autocuidado, e daí decorre a necessidade de busca por caminhos e espaços para tal desenvolvimento.

Desde o princípio de nossas vidas, precisamos buscar alicerce para nosso desenvolvimento e amadurecimento e para a realização de necessidades, a partir da percepção de onde e em que momento devemos procurar suporte, sendo este essencial para qualquer tipo de contato que possamos estabelecer. É parte do fluxo de nossa vivência o intercâmbio entre o apoio que advém do ambiente – heterossuporte – e o apoio que emerge de si mesma/mesmo – autossuporte (ANDRADE, 2014). Em outras palavras, a busca pelo autossuporte é um processo contínuo e nunca finalizado, que, fundamentalmente, passa pela necessidade do apoio ambiental. Nessa direção, voltando nosso olhar para a prática da psicologia, a nutrição que o ambiente oferece é essencial para o crescimento da/do terapeuta, pois proporciona contato com o diferente e assimilação do novo, bem como crescimento, como uma “experiência da ampliação das possibilidades existenciais, que se dão pelo contato da pessoa com ela mesma e com o ambiente que a circunda, em uma visão de totalidade” (ANDRADE, 2014, p. 151). Portanto, “crescer é estar cada vez mais

perto de si mesmo, de suas possibilidades, enfim, do seu próprio tamanho” (ANDRADE, 2014, p. 151).

Nessa direção, entendemos que a intervisão é um desses campos em que o intercâmbio entre apoio ambiental e autossuporte é solo fértil para o desenvolvimento dessa/desse terapeuta em contínua construção. Defendemos, então, que a troca que acontece em uma relação não hierárquica e pautada na confirmação, presença e inclusão da/do outra/outro e na disposição para uma comunicação aberta – elementos que, como pontuado anteriormente, estão presentes na relação dialógica – proporciona uma boa nutrição oferecida por esse meio, potencializando a ampliação da *awareness*, gerando crescimento interno da vivência da/do terapeuta e levando-a/levando-o à possibilidade de mobilização independente de recursos internos conquistados.

Assim, pela nossa vivência prática em intervisão, acreditamos que este campo pode nos auxiliar a “deixar de lado o que deveria ser e encarar quem está sendo” (ANDRADE, 2014, p. 154), como pessoas e psicoterapeutas criadoras/criadores do espetáculo das interações, da arte das relações. Se vemos o campo relacional como um palco e a relação dialógica como instrumento de relação, voltamos ao questionamento que fizemos: Quem são essas/esses artistas que constroem a arte da relação?

Revelando quem se é nesse encontro com outra/outro profissional, acreditamos que o trabalho de cada uma/um de nós consiste em nos apropriarmos da/do terapeuta que nos revelamos ser, com suas características, ritmos, movimentos, singularidades e estilos próprios. Isso consiste em conhecer e assumir nossas capacidades e incapacidades, flexibilidades e inflexibilidades, nossas cicatrizes e feridas abertas, nossas necessidades e experiências subjetivas.

Olhando para esse contexto, percebemos que é no contato que podemos assimilar o diferente e nos transformar, criando e recriando nossas emocionantes acrobacias na arte dos encontros entre parceiras/parceiros, em um processo contínuo de acrescentar camadas e níveis de profundidade à busca do próprio suporte, tão essencial à/ao terapeuta. Portanto, é mobilizando nossos próprios recursos e assumindo a falta deles que buscamos o apoio ambiental como nutrição, e não como dependência.

## **INTERVISÃO: AS ACROBACIAS DAS/DOS TRAPEZISTAS NO PICADEIRO**

Vindas desse contexto de investigação sobre o aperfeiçoamento da/do psicoterapeuta e da conseqüente necessidade do desenvolvimento de autossuporte, deparamo-nos também com uma necessidade fundamental para qualquer definição que propuséssemos: tínhamos vários elementos configurando o fundo da nossa atuação, mas como, então, definia-se essa figura? Dito de outra forma, como poderia ser definida uma intervisão a partir de todas essas percepções? Qual seria seu objetivo e qual o melhor caminho para

atingi-lo? O olhar deveria estar direcionado para o acolhimento da/do outra/outro terapeuta ou para um suporte teórico voltado ao atendimento daquele caso? É primordial investigar as dificuldades dessa/desse cliente que se refletem como bloqueios para a terapia ou as feridas da/do própria/próprio terapeuta que ressoam com a dinâmica da/do cliente? Ou ainda, ao ouvir o caso da/do colega, nosso papel seria pontuar os pontos não tão claros ou sugerir caminhos para o trabalho terapêutico?

Assim, abrimos nosso olhar, a fim de encontrar bordas mais definidas da nossa figura. Em uma busca por textos que discutissem o tema da intervisão, rapidamente percebemos a escassez de reflexão sobre isso dentro da Gestalt-terapia ou até mesmo no campo geral da Psicologia. Nas poucas leituras que encontramos, a intervisão é citada como uma ferramenta que a/o profissional da Psicologia pode usar a seu favor, seja por uma questão técnica, seja por uma questão de autocuidado. Entretanto, um fato que chama atenção é que sempre que essas discussões trazem a palavra intervisão, elas trazem também a noção da supervisão junto, colada, ambas como esse lugar possível para se olhar para os casos em atendimento, mas sem necessariamente discriminar uma prática da outra e, principalmente, sem fazer uma reflexão sobre essas possibilidades. Não encontramos nenhum texto que explorasse especificamente a intervisão como tema. Isso nos levou a pensar que, mesmo sendo esta uma prática usual na Psicologia, a intervisão não é comumente refletida, discutida e pensada em suas várias nuances.

Quando olhamos para a história de construção da Gestalt-terapia no mundo e no Brasil, deparamo-nos com o fato de que a abordagem foi sempre construída a partir de muitos olhares, várias perspectivas e especialmente de trocas profundas entre o que se passavam com aquelas/aqueles que estavam pensando a teoria e suas/seus interlocutoras/interlocutoras, clientes e terapeutas. Portanto, desde sua origem, foi na construção conjunta que a Gestalt-terapia se fez.

Se olharmos por uma perspectiva do surgimento da supervisão, também perceberemos que há nela a construção coletiva e a necessidade da troca como fios condutores. A Psicanálise surge, para além das reflexões de Freud na relação com suas pacientes, enquanto construção teórica nas trocas que ele fazia com seu mentor e com suas/seus discípulas/discípulos sobre os casos em atendimento (QUADROS; ARAÚJO; SOUZA, 2018).

Portanto, em seu nascedouro, a prática da supervisão emergiu da necessidade de se estabelecer uma troca de impressões e discutir os casos clínicos a partir de diferentes escutas. Com a institucionalização da psicanálise, emerge um modelo hierárquico onde um analista mais experiente orientava um iniciante, mantendo-o sob sua supervisão. Constituindo-se aí, uma inversão do que ocorria nos primórdios dessa prática. (QUADROS; ARAÚJO; SOUZA, 2018, p. 130)

Ao pensar sobre qual seria o papel da supervisão no desenvolvimento da/do

profissional, alinhamo-nos e concordamos com a noção proposta pelas autoras, segundo a qual a busca que se dá entre supervisora/supervisor e supervisionanda/supervisionando é pela forma mais simétrica possível de relação, procurando “...construir um conjunto de possibilidades onde o terapeuta iniciante possa reconhecer-se e expressar-se como aquele que se apropria de seu fazer” (QUADROS; ARAÚJO; SOUZA, 2018, p. 131). As autoras pontuam, ainda, que o que consideram como ponto central dessa relação é a atitude das/os envolvidas/envolvidos em direção a “...uma ação de compartilhamento, acompanhamento e acolhimento a essa construção de um fazer que se constitui no risco, nas errâncias, e não nas certezas” (QUADROS; ARAÚJO; SOUZA, 2018, p. 133).

Como defendemos até o momento, a intervisão é também esse lugar de permissão e desenvolvimento de autossuporte e de um apropriar-se do seu próprio fazer, o que acontece na troca, no diálogo, na relação e a partir da confiança mútua. Em ambos os espaços – o da supervisão e o da intervisão –, a relação que se estabelece precisa ser pautada na confiança do *entre*, bem como na confiança no caminho que se percorre em conjunto. Porém, por mais que, a partir da Gestalt-terapia, se busque, no diálogo da supervisão, um caminho mais horizontal, entendemos que, em sua base, há uma dissimetria impossível de anular – dissimetria esta não presente na relação da intervisão. Há na supervisão uma pessoa que ensina e outra que aprende, uma que tem mais experiência e outra que busca aprendizados nessa trajetória, uma que comunica suas percepções e faz pontuações e outra que as absorve na medida em que façam sentido, uma que recebe pelo trabalho e outra que paga por ele. São papéis e posições diferentes. Além disso, outro fator que difere supervisão e intervisão se dá na constituição do campo que se revela no encontro das/dos profissionais. Sendo a proposta da intervisão a de um espaço de encontro sem hierarquia, configura-se nela um campo em que emergem elementos de interação específicos e diferentes daqueles que se revelam numa relação assimétrica.

Reforçamos aqui um ponto importante: não estamos qualificando os espaços como melhores ou piores ou como mais ou menos relevantes. Ao contrário. Estamos defendendo que, partindo do princípio de que precisamos nos trabalhar incansavelmente enquanto pessoas e profissionais para ocuparmos nosso papel de psicoterapeutas, é preciso ocupar espaços que nos permitam e favoreçam esse desenvolvimento. A supervisão tem um papel, a intervisão tem outro, o processo terapêutico, outro. Cada campo específico construído nesses encontros pode proporcionar toques diversificados na subjetividade da/do terapeuta, fazendo emergir diferentes camadas e tonalidades de contatos internos. Defendemos, então, que esses espaços são complementares, cada um trazendo sua potência, suas nuances e escrevendo um pedaço da história de nossa trajetória profissional.

Em uma tentativa de nos encaminharmos para uma leitura do que seria a intervisão, seu diferencial e seu objetivo, compreendemos que se trata de um espaço de desenvolvimento de autossuporte e aprimoramento do “ser terapeuta”, a partir de uma

relação que convida as/os envolvidas/envolvidos a construírem conjuntamente caminhos de apropriação de si. Construção esta que é pautada no diálogo aberto e sem julgamentos, na confiança do processo e na/no parceira/parceiro, além de uma troca genuína. É na interação terapeuta-terapeuta que figuras da relação terapeuta-cliente tornam-se mais nítidas e podem ser trabalhadas, permitindo que se olhe para além do caso de que a/o terapeuta escolhe falar. Parte-se daí, mas aí não se encerra ou se restringe. É da própria relação de parceria que se estabelece que emerge a potência de construção da/do terapeuta que se é. Pontuamos, ainda, que o grande diferencial desse espaço de construção de si comparado aos demais citados (supervisão e processo terapêutico) é a simetria da relação estabelecida, uma vez que as partes envolvidas ocupam lugares de fato semelhantes/simétricos. Nesse sentido, propomos que a figura dominante que se revela na intervenção possa ser *o próprio encontro terapeuta-terapeuta*, em que emergem nuances da forma específica de ser terapeuta e do caso a ser refletido. Isso porque é por meio do encontro que nos revelamos, nos construímos e nos recriamos, sempre atualizando, por meio do contato com a/o parceira/parceiro, nossa singularidade enquanto terapeuta, possibilitando-se, assim assimilações, crescimento e autossuporte. Vemos a dinâmica da intervenção como um emocionante espetáculo em que o encontro pode ser criado pelas pessoas que, ao mesmo tempo, o assistem. É o processo de consciência relacional acontecendo ao vivo em um espaço sem hierarquias e de confiança.

Como no picadeiro do circo, o espetáculo acontece na interação entre parceiras/parceiros trapezistas, que, no preparo constante e ininterrupto das acrobacias, apropriam-se de si mesmas/mesmos e de seus movimentos e singularidades, fluem entre ser seu próprio suporte e confiar no suporte da/do outra/outro, criam relação de confiança, abertura e possibilidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dissemos no início do texto, o intuito desta escrita foi o de construir um caminho reflexivo sobre o espaço da intervenção, a partir daquilo que se desenhou em nossa trajetória. Esse caminho de reflexão, que costura a vivência de intervenção em si com o exercício de pensar esse espaço, nos leva a percebê-la como um lugar privilegiado de aprimoramento e apropriação do ser da/do terapeuta, a partir do *entre* que se estabelece entre terapeutas parceiras/parceiros em uma relação Eu-Tu.

Sendo a intervenção campo de possibilidade de relação simétrica e sem hierarquia no qual a relação dialógica acontece de forma viva, cria-se um espaço de cuidado para trocas genuínas, diálogo aberto, confirmação das singularidades envolvidas e ampliação de percepção sobre o caso e sobre si. Desse modo, a intervenção constitui-se como base para o importante e constante exercício de desenvolvimento pessoal e profissional. Vemos



nela mais um campo fundamental em que o contato com a/o outra/outro e a assimilação do diferente gera *awareness*, crescimento interno, apropriação de si e aumento de autossuporte.

Durante o processo de escrita deste capítulo e do relato desse espetáculo vivido, veio-nos emergindo gradativamente aos olhos uma metáfora que representa a experiência do nosso encontro no palco da intervisão. Atentamo-nos para nossos movimentos, sensações, sentimentos, ritmos, que expressam o que sentimos. Percebemos o lúdico do nosso encontro, ao mesmo tempo que iam se revelando a precisão e o cuidado que temos em nosso trabalho. Admiramos a cena que mostra o campo em que se dá a arte do encontro. Dentre seus elementos, compreendemos principalmente o dialógico como espaço de apresentação de si, conexão com a/o outra/outro e expressão da potencialidade e da criatividade presentes na relação. Assim, deparamo-nos com a imagem do picadeiro do circo (circular e contínuo) como uma referência de palco onde um espetáculo criativo, espontâneo e lúdico acontece. Foi assim que percebemos o modo como se revela nosso campo de intervisão. Apoiamo-nos na relação dialógica como instrumento de encontro relacional, revelando nossa função não hierárquica de parceria e, assim, vimo-nos como trapezistas usando seus trapézios para saltar e voar alto ao encontro de sua parceira. Vimos, nas acrobacias que realizamos sozinhas, a expressão das nossas singularidades, porém, também vimos que somente nas acrobacias feitas em conjunto é que é possível arriscar o salto, balançando-nos e movimentando-nos juntas, construindo uma dança fluida no ar, impossível de se fazer sozinha. Como trapezistas, somos parceiras, temos uma relação de aceitação e confirmação uma da outra, aceitamos o risco de saltar, na confiança de que nos encontraremos no ar e criaremos, assim, mais movimentos e ritmos relacionais em camadas e dimensões que nunca cessam e sempre se atualizam. Deparamo-nos, então, com a conquista da própria força, da flexibilidade e da precisão dos movimentos que revelam nossos suportes internos e nos permitem ser criadoras e criaturas desse espetáculo.

Para finalizar este texto, e considerando que foi na partilha de nosso movimento e na exposição de nossa trajetória que ele aconteceu, achamos importante relatar, ainda, que escrever este capítulo em conjunto possibilitou-nos mais um campo de descobertas de nós e de nutrição de nossa relação. Emergiu entre nós salientes diferenças perante a forma de cada uma ao se relacionar com a pesquisa e a escrita propriamente dita. Tais diferenças se revelaram um valioso campo de experimentação do novo e do diferente, construindo – a princípio sem intenção de que essa diferença se revelasse como uma figura – intensas aprendizagens, crescimentos e experiências de uma camada relacional mais profunda. Diante desse campo, procuramos a todo momento estar conscientes da *forma* de cada uma, sempre cuidando para que fôssemos leais ao processo de descrição, abertura e genuinidade no que se refere a necessidades, percepções e sentidos diversos. Assim

como buscamos em intervenção, aqui procuramos vivenciar muito respeito e acolhimento pela forma, o ritmo e o tempo de cada uma, dando espaço para a expressão de todas as facilidades e limitações. Criamos um campo de aprendizagem ao acessarmos nossa capacidade de flexibilidade, em busca de caminhos do meio que possibilitassem a escrita em comum. Pela nossa vivência em intervenção, fortalecida agora pelo projeto de escrever este capítulo, pudemos experimentar mais uma vez a transformação que uma relação com aceitação, confirmação e abertura para a expressão pode criar. Experimentamos o gosto da liberdade, a potência da relação e a força para afirmar nossa existência e, assim, saltar em um voo ao encontro uma da outra.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. C. Autossuporte e heterossuporte. *In*: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus Editorial, 2014. p. 147-162.


CARDELLA, B. **A construção do psicoterapeuta: uma abordagem gestáltica**. 2º ed. São Paulo: Summus Editorial, 2002.

CHAGAS, E. Psicoterapia dialógica. *In*: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.). **Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus Editorial, 2016. *E-book*.

HYCNER, R. **De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica**. 3ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1995.


JOYCE, P.; SILSS, C. **Técnicas em Gestalt: aconselhamento e psicoterapia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

QUADROS, L. C. T.; ARAÚJO, E. S.; SOUZA, D. S. Supervisão em Gestalt-terapia: da delicadeza de ensinar à aventura de aprender. **Revista Nufen – Phenom. Interd.**, v. 10, n. 2, p. 127-143, 2018.



# Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 @atenaeditora  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)